cultura&informação
A REVISTA DO SABIN

3º trimestre letivo 2018 – ano XXIV – nº 71

AB SABIN
10 anos criando descobertas

COLÉGIO ALBERT SABIN
25 anos criando oportunidades

Sobre ter e ser referência

Na história da Educação Brasileira, muitos foram os avanços conquistados nos anos 1990. Foi a década em que o País implementou importantes mecanismos de diagnóstico de qualidade da Educação Básica, como o Saeb (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica), a partir de 1995, e o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), a partir de 1998. Em 1996, realizou-se também o primeiro Provão, atual Enade (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes), voltado para o Ensino Superior. E, em nível mundial, concluímos a década participando já da primeira edição do exame do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), no ano 2000.

Foi um tempo em que educadores e gestores decidiram prestar atenção redobrada ao que era feito nas escolas brasileiras, medir os resultados e traçar planos com base em dados concretos. Em que se fortaleceu o consenso de que qualquer proposta pedagógica tem de ser fundamentada tanto em valores como em indicadores objetivos de qualidade. Nesse sentido, creio que o Sabin, fundado em 1993, é fruto exemplar de seu tempo.

Desde o início, há 25 anos, temos como diretriz aferir tudo o que podemos sobre nosso trabalho – nossa didática, nossos materiais, nossos projetos – para nos certificarmos de que os resultados serão positivos e crescentes. Não nos permitimos fazer nada apenas por fazer; nossa meta terá de ser sempre a alta qualidade, e, ainda que essa qualidade não possa ser medida em índices quantitativos, buscaremos os parâmetros mais adequados de avaliação – como sabem nossas famílias da Educação Infantil, etapa em que, não havendo provas, notas ou boletins, ainda assim podemos mensurar o progresso dos alunos por meio de dezenas de indicadores de desenvolvimento.

Além disso, fizemos questão de estabelecer para nós mesmos uma régua propositalmente mais arrojada do que a da realidade diretamente próxima a nós. Na busca por excelência, sempre olhamos para o resto do mundo para nos motivar e nos inspirar a partir das melhores experiências possíveis, movimento que hoje já é comum entre as escolas brasileiras. Aliás, se houve algo que mudou nesse movimento, ao longo dos 25 anos de existência do Sabin e dos 10 anos do AB Sabin, foi que já não estamos mais na fase de apenas buscar referências para seguir. Concretamente, as práticas adotadas no Sabin e no AB Sabin já se tornaram, elas próprias, referência de boa educação. O que só aumenta a nossa responsabilidade para os próximos 25 anos.

Seguiremos em busca de novas práticas e tecnologias que proporcionem melhores condições de aprendizagem aos alunos, que acompanhem as demandas de uma sociedade em transformação. Seguiremos criando oportunidades para que cada aluno desenvolva suas potencialidades individuais ao máximo, ao mesmo tempo que seguiremos garantindo a todos acesso à base comum do conhecimento acumulado pela humanidade. Seguiremos avançando – mas sempre planejando, e medindo, e avaliando cada passo desse avanço.

Cristina Godoi
Mantenedora dos Colégios Albert Sabin e AB Sabin
cristina@albertsabin.com.br

EXPEDIENTE
A Revista do Sabin é um órgão de comunicação dos Colégios Albert Sabin e AB Sabin.
Colégio Albert Sabin. Av. Darcy Reis, 1.901, Parque dos Príncipes, São Paulo/SP – (11) 3712.0713 – www.albertsabin.com.br – **Colégio AB Sabin.** Av. Martin Luther King, 2.266/2.280, São Francisco, São Paulo/SP – (11) 3716.5666 – www.absabin.com.br – **Mantenedores:** Gisvaldo de Godoi, Neusa A. Marques de Godoi, Cristina Godoi de Souza Lima **Direção pedagógica:** Giselle Magnossão (Albert Sabin), Mônica Mazzo (AB Sabin) **Direção administrativa:** Fernando A. Mello **Marketing:** Adriana Vaccari **Colaboradores:** Áurea Bazzi, Denise Araújo, Dionéia Menin, Giselle Magnossão, Laércio Carrer, Mônica Mazzo **Projeto e coordenação editorial:** Bandeira 2 Comunicação Ltda. **Jornalista responsável:** Alexandre Bandeira (MTb 49.431) **Designer:** Giovanna Angerami **Textos:** Alexandre Bandeira, Gerson Sintoni (págs. 15 e 20), Maria Carolina Maia (págs. 4 e 5) **Fotografias:** Rodrigo Jacob **Revisão:** Adriana Duarte, Denise Masson **Produção gráfica:** Ricardo Gomes Moisés **Impressão:** Flor de Acácia – 5.000 exemplares. **Distribuição gratuita. 3º trimestre letivo 2018.**

Sonhos e realizações

Revista do Sabin, 3º trimestre letivo 2018 ano XXIV – nº 71 **Alunos da capa Guilherme Tonon, Giulia Bolino, Cesar Barbosa,** alunos da 3ª série do Ensino Médio.

4+5
+ Conversa Paralela
Flávio Canto fala sobre sua história com projetos sociais

6+7
+ AB Sabin
Os benefícios do livre brincar na natureza para o desenvolvimento infantil

8+9
+ Infantil e Fundamental I
O impacto do Impacta Sabin nos alunos do Maternal ao 5º ano

10+11
+ Ensino Médio
Novidades anunciadas para o Ensino Médio do Sabin

12+13
+ Matemática
Professores resgatam o lado criativo e estimulante da Matemática

14
+ Cultura
Exposição sobre frevo faz refletir sobre conceito de patrimônio imaterial

15
+ Esportes
Os benefícios das Ginásticas Artística e Rítmica

16+17
+ DataSabin
O Sabin em números

18+19
+ Livre Expressão
É possível controlar o discurso consumista das redes sociais?

20
+ Encantamento
Biblioteca Social Colaborativa: o projeto vencedor do Impacta Sabin

Flávio Canto
Ex-judoca, fundador e presidente do Instituto Reação

Medalha de ouro no social

MESTRE DE CERIMÔNIAS DA FESTA DE ENCERRAMENTO DO IMPACTA SABIN, EM SETEMBRO, O EX-JUDOCA FLÁVIO CANTO DIZ TER FICADO IMPRESSIONADO COM O QUE VIU NA PREMIAÇÃO: UM APANHADO DOS MELHORES PROJETOS SOCIAIS CRIADOS PELOS ALUNOS DO ALBERT SABIN. SUA OPINIÃO ESTÁ LONGE DE SER DESPREZÍVEL. AOS 43 ANOS, CANTO SOMA 25 DE SERVIÇOS SOCIAIS. COMEÇOU AOS 18, VISITANDO ORFANATOS E ASILOS E DISTRIBUINDO ROUPAS A MORADORES DE RUA ÀS VÉSPERAS DO NATAL, E HÁ 15 ANOS FUNDOU O INSTITUTO REAÇÃO, QUE OFERECE AULAS DE JUDÔ A COMUNIDADES CARENTES DO RIO DE JANEIRO. FOI DALI QUE SAIU A CAMPEÃ OLÍMPICA RAFAELA SILVA, MEDALHA DE OURO NOS JOGOS DO RIO, EM 2016, TRÊS ANOS DEPOIS DE SE TORNAR A PRIMEIRA BRASILEIRA A SE CONSAGRAR CAMPEÃ MUNDIAL DA MODALIDADE. MAIS DO QUE TROFÉUS, O REAÇÃO DEU A RAFAELA E A OUTROS MILHARES DE ALUNOS AUTOESTIMA, ACOLHIMENTO E VALORES. POR ISSO, CANTO VALORIZA TANTO INICIATIVAS COMO A DO SABIN. PORQUE ENTENDE QUE EMPREENDER SOCIALMENTE É PRECISO. PARA CONSTRUIR UM MUNDO MELHOR, DIZ ELE NESTA ENTREVISTA, "NÃO HÁ ALTERNATIVA".

Como surgiu a ideia de criar o Instituto Reação?

A ideia foi construída ao longo da minha vida. Eu vivi meio como nômade: nasci na Inglaterra, vim para o Brasil com meus pais, que são brasileiros, aos 2 anos e morei aqui até os 9. Dos 9 aos 11, vivi fora de novo, na Califórnia e na Inglaterra. Retornei ao Brasil e aos 19 entrei na Seleção Brasileira de Judô e passei a rodar boa parte do tempo por lugares mais desenvolvidos que o nosso, do ponto de vista de justiça social. Então, cresci com essa possibilidade de comparar o Brasil a outros lugares e com vontade de fazer algo diante de tanta injustiça.

Quando você começou a se envolver com ações sociais?

Aos 18, mais ou menos. Fazia ações pontuais, como visitar orfanatos para distribuir brinquedos, visitar asilos, distribuir roupa na rua no Natal. Em 2000, eu estava na Seleção fazia quatro anos e perdi uma seletiva importante para a Olimpíada de Sidney. Funcionou como momento de virada, de entender que era hora de fazer algo mais consistente, não apenas ações pontuais. Comecei a dar aula de Judô na Rocinha, que era o que eu fazia melhor, e logo percebi que o esporte tem valores que são absorvidos e incorporados pelos alunos. Eles melhoravam na escola, melhoravam em casa. Ganhavam pertencimento, autoestima, tudo aquilo que muitas vezes vão procurar no tráfico.

Acha que a saída para a violência passa pelo social?

Não há dúvida. A gente tem a alternativa – que também é necessária – da repressão. Não tem como fugir dela, porque segurança pública hoje é um problema relevante no País. Mas não se pode deixar de atacar a origem que gera tanta violência, que, na minha opinião, é a pobreza, a falta de oportunidades na largada, a injustiça social que forma gerações sem valores, que buscam referências no Comando Vermelho, no PCC, no Terceiro Comando, na milícia.

Que valores e referências o Instituto Reação quer passar?

Trabalhamos com uma metodologia em três fases: construir, conquistar e compartilhar. Em cada fase, a gente trabalha uma série de valores: coragem, humildade, disciplina, honra, excelência e solidariedade. À medida que cresce, a criança incorpora esses valores no dia a dia. O próprio nome do instituto carrega um valor. É uma homenagem a um momento pouco percebido no Judô, mas de extrema importância. As pessoas costumam considerar o Judô uma arte marcial em que um tenta derrubar o outro, mas tem outro momento fundamental, que é aquele em que a gente se levanta. A gente treina isso diariamente: cai, levanta, cai, levanta, derruba. O sucesso da luta está ligado à quantidade e à qualidade de reações, de vezes em que a gente se levanta. Esse momento tem um simbolismo forte também em termos de sociedade. A sociedade não pode mais ser passiva. Tem de chamar a responsabilidade para si e fazer parte da mudança.

Por que é importante investir em projetos sociais, como o Instituto Reação?

Porque não há alternativa. É indispensável a gente construir uma nação, uma sociedade, uma juventude que tenha esse empreendedorismo social. O pai do Bernardinho [ex-jogador e ex-técnico de Vôlei] fala uma coisa muito legal, que o sucesso está baseado em três pilares: competência profissional, integridade moral e solidariedade social. Se a gente não investir nesses três pilares, não consegue o sucesso da forma mais plena. Por isso, para mim, fazer parte do Impacta Sabin foi muito bonito; até saí com mais esperança por ver uma escola que está investindo nesses três pilares.

O que achou da iniciativa do Sabin e dos projetos apresentados?

Foi um respiro nesse momento político tão duro que a gente está vivendo. Poder fazer parte desse movimento, estimular a garotada a ter um olhar para o próximo, a compartilhar, algo que está ligado à nossa filosofia no Reação, foi lindo. Fiquei com vontade de ter filhos, de morar em São Paulo e de colocá-los no Colégio. Vi projetos espetaculares, criativos. É uma competição em que todo mundo ganha, todo mundo sai vitorioso. Então, a comemoração não é só para quem levou o prêmio mas para todo mundo que refletiu, que foi provocado a pensar num mundo melhor. Eu vi muita gente que tenho certeza de que vai fazer diferença na sociedade lá na frente.

Que palavra de encorajamento ou recomendação você deixaria para os alunos do Sabin?

Primeiro, quero dar parabéns a todos. Costumo dizer que esse é um caminho sem volta, porque, quanto mais a gente se envolve, mais se percebe importante para fazer do mundo um lugar melhor. Então, que ninguém perca a motivação. O Impacta Sabin é só o começo, um despertar. Não importa a profissão que cada um venha a escolher, não se deve nunca esquecer que o sucesso só faz sentido quando pode ser compartilhado. Todo mundo tem de criar, dentro dos seus sonhos, projetos que consigam, de alguma maneira, construir um mundo melhor.

Conheça o Instituto Reação: www.institutoreacao.org.br

Infância desemparedada

Por que o contato livre com a natureza é bom para o meio ambiente e melhor ainda para as crianças.

Reunidos para mais uma aventura, o Homem de Ferro e o Capitão América – dois Capitães América, para ser exato – escalam os galhos de uma árvore. Perto dali, uma princesa descobre o cheiro de uma flor, enquanto duas exploradoras cavam um buraco na terra, em busca de tesouros escondidos. Mais adiante, um grupo de amigos disputa uma corrida na grama.

Os super-heróis, a princesa, as exploradoras e os corredores são alunos do Pré II do AB Sabin e estão aproveitando uma manhã de lazer no bosque do Colégio. Pelo menos uma vez por semana, todas as turmas visitam o lugar, seja para brincar livremente no amplo espaço verde, seja para participar de atividades mediadas, como piqueniques, rodas de leitura e investigações científicas. Somam-se a esses momentos as visitas ao parque das águas – quinze minutos de diversão nos chafarizes ao lado do bosque, antes das aulas de Natação – e às hortas de plantas alimentícias e medicinais que ficam no pátio inferior, e pode-se dizer que o contato com a natureza, ao ar livre, compõe boa parcela da rotina semanal dos alunos do AB Sabin. O que é muito bom, e por mais razões do que se percebe a princípio.

Segundo Mônica Mazzo, diretora pedagógica do AB Sabin, o primeiro objetivo para promover o contato dos alunos com plantas e elementos naturais é o de incutir neles a percepção de natureza como algo concreto, presente, próximo – e, portanto, merecedor de respeito. "As novas gerações estão crescendo longe da natureza, por isso não desenvolvem nenhum vínculo. A criança até aprende, racionalmente, que é preciso cuidar das plantinhas e dos animais, mas sem sentir uma real conexão que a faz *querer cuidar*", diz a diretora, que cita o jornalista americano Richard Louv ao dizer que, "para a nova geração, a natureza é mais uma abstração do que uma realidade".

Louv é cofundador do movimento internacional Children & Nature Network e tornou-se conhecido por sua obra *A Última Criança nos Bosques: Salvando nossos Filhos do Transtorno do Déficit da Natureza*, de 2005. Não se trata, tal "transtorno", de nenhuma condição médica, mas de termo cunhado pelo jornalista para descrever sintomas resultantes da carência de ambientes naturais no cotidiano das novas gerações: excesso de peso, habilidades motoras pouco desenvolvidas, dificuldades de concentração e aprendizagem, problemas emocionais e de convivência, entre outros.

No Brasil, entidades como o Instituto Alana, organização da sociedade civil sem fins lucrativos, têm ajudado a divulgar as ideias de Louv. O livro *Desemparedamento da Infância: a Escola como um Lugar de Encontro com a Natureza* (Instituto Alana: 2018) deixa isso claro: "Nos últimos anos, vimos surgirem muitas pesquisas que sugerem o que alguns educadores, pais e especialistas atestam há décadas: o convívio com a natureza na infância, especialmente por meio do brincar livre, ajuda a fomentar a criatividade, a iniciativa, a autoconfiança, a capacidade de escolha, de tomar decisões e de resolver problemas".

Nas visitas dos alunos ao bosque ou às hortas do AB Sabin, é possível ver como isso é verdadeiro.

Como nota Mônica Mazzo, "na natureza, os brinquedos não estão prontos": o graveto precisa da criança para se tornar espada, a caça ao tesouro requer imaginação para acontecer. A diretora contrasta tais exemplos com a maior passividade de uma criança diante de dispositivos eletrônicos.

Se um aluno preferir, por outro lado, ficar quieto em um canto, longe das aventuras dos colegas, também isso reflete sua escolha consciente em não participar – e isso pode ser positivo. De acordo com o Instituto Alana, os espaços externos são, para as crianças, "o lugar da liberdade, onde as vivências têm fruição, onde o adulto não controla seus corpos"; a natureza acolheria tanto "a pulsão expansiva, de movimento ou interação" como a "necessidade de introspecção e solidão" da criança.

Há, ainda, em ambientes naturais, algo menos presente em sala de aula ou em espaços projetados; algo que, a princípio, pode preocupar pais e mães, mas que é fundamental para o desenvolvimento integral da criança: há riscos. A escalada na árvore pode levar a uma queda, a corrida na grama pode resultar em trombadas. Formigas podem morder. Espinhos podem furar.

Deve-se notar, contudo, que, prevenidos os perigos realmente graves pela supervisão de adultos, esse contato da criança com o risco é, antes de tudo, uma oportunidade de ensiná-la a dimensionar a consequência de seus atos, pesar os prós e os contras e tomar uma decisão – mesmo que a errada. "Nesse processo, as crianças vivenciam acidentes de pequena consequência para, com eles, aprender a evitar os grandes acidentes no futuro", defendem as especialistas do Instituto Alana.

"É como nas aulas de Educação Física: o professor tem técnicas para evitar acidentes graves, mas ele sabe a hora de deixar o aluno cair – até para aprender a cair", diz Suzy Vieira, coordenadora pedagógica do AB Sabin. Segundo ela, "cuidar (que envolve proteger a integridade da criança) e educar (que envolve expô-la a riscos controlados) têm o mesmo patamar de importância".

Turma do Pré II explora o bosque do AB Sabin: fomento à criatividade, à iniciativa, à autoconfiança, ao poder de decisão e de resolução de problemas.

De fato, é justamente ao se aventurar mais, ao explorar mais – subindo em árvores, saltando dos galhos, correndo soltos – que os alunos exercitam o equilíbrio, a agilidade e demais habilidades motoras que minimizarão riscos futuros, além de desenvolver sua autoconfiança, sua curiosidade intelectual e até o uso efetivo de todos os sentidos. Olfato, paladar, audição e tato saem enriquecidos de um dia em contato com flores, frutos, ervas, pássaros, insetos, grama, terra, água. A própria visão se expande: "Na frente da TV ou do *videogame*, eu estou focada na tela; na natureza, eu estou atenta a todos os meus amigos e às paisagens à minha volta, minha visão periférica é acionada", diz Suzy Vieira, acrescentando que, no desenvolvimento infantil, a visão periférica está relacionada com a ampliação da visão de mundo.

Não é, portanto, apenas em nome da consciência ambiental que o AB Sabin vem promovendo cada vez mais o contato dos alunos com a natureza. Mas porque, se eles podem aprender a fazer muito pelo meio ambiente, também o meio ambiente pode fazer muito por eles.

O impacto do Impacta

Com o Impacta Sabin, alunos, pais e professores sentiram-se corresponsáveis por uma sociedade mais justa.

Em algum lugar de São Paulo, um morador de rua tem uma colcha de retalhos confeccionada pela turma do Pré II A do Sabin, que o protege das noites de frio. Em um hospital, uma criança em tratamento quimioterápico adorna a cabeça com uma bandana feita pelo 1º ano E do Fundamental, enquanto, em outro ponto da cidade, alunos de uma escola pública aprendem Matemática por meio de ábacos e jogos também fabricados aqui no Colégio. Em outra escola – esta em Moçambique, na África –, crianças utilizam uma biblioteca cujos livros e almofadas, onde se sentam para ler e ouvir histórias, também foram doados por alunos do Sabin.

Encerrado o Prêmio Impacta Sabin, que durante meses mobilizou as comunidades do Sabin e do AB Sabin em torno de mais de 200 iniciativas socioambientais, esses e outros exemplos indicam que o projeto permanece dando frutos. Para a equipe gestora dos dois colégios, porém, o resultado mais importante do Prêmio não está em nenhuma iniciativa específica, mas no conjunto de todas, e no efeito que tiveram na formação de valores dos alunos e professores.

"Foi uma experiência de protagonismo que envolveu olhar criticamente para a realidade, sentir-se corresponsável pelo encaminhamento de ações para a melhoria da sociedade e para a preservação ambiental e vivenciar o planejamento, a implantação e a avaliação dessas ações", diz Giselle Magnossão, diretora pedagógica do Sabin.

Para Dionéia Menin, coordenadora pedagógica da Educação Infantil e do Fundamental I do Sabin, garantir esse protagonismo de que fala Giselle foi o maior desafio enfrentado por sua equipe. Diferentemente dos alunos do Fundamental II e do Médio – cuja participação no Prêmio foi voluntária –, os alunos do Maternal ao 5º ano realizaram projetos coletivos por turma, todos tendo de colaborar um pouco. Além disso, havia a questão da maturidade: um aluno da Educação Infantil ainda não tem o mesmo nível de consciência socioambiental que os alunos de 6º ano em diante. O receio da equipe, lembra Dionéia, era de que as crianças mais novas encarassem os projetos apenas como mais uma tarefa escolar.

"Não podíamos deixar que as ações partissem somente das professoras; tivemos o cuidado de ir estimulando neles a reflexão sobre os problemas da sociedade, para que eles também propusessem ideias. Era preciso que os alunos sentissem, de verdade, 'Eu fiz a diferença'", diz a coordenadora.

Como exemplo, ela cita o projeto do Maternal II B: "Em uma discussão em classe, os alunos chegaram à ideia de que não se podia arrancar as plantinhas", diz Dionéia. Em outras turmas, discussões como essa deram origem a campanhas sobre recolher fezes de cães em locais públicos, não desperdiçar comida, não brigar com os amiguinhos, entre outros motes que os alunos julgaram importantes. No Maternal II B, foram as plantinhas – um ponto de partida, de onde a professora extraiu da turma um aprofundamento.

"Ela dizia: 'Certo, então não vamos mais arrancar as plantinhas. Mas o que podemos fazer para que outras pessoas não arranquem também?'", prossegue Dionéia. "Os alunos respondiam: 'A gente fala para eles!' E a professora: 'Legal, vamos passar nas outras salas e dizer isso para nossos colegas. E o que mais?'". Ao fim, o projeto tinha evoluído para incluir, ainda, o estudo da flor tagetes, comum no pátio da Educação Infantil, cujas sementes, derrubadas pelo vento, foram recolhidas para novo plantio. "A professora foi conduzindo, mas os alunos sentiram que o projeto era deles".

Já a turma do 3º ano C, por sua vez, não precisou de "empurrãozinho" para mostrar iniciativa. Pelo contrário. Os alunos decidiram fazer um projeto em torno do descarte correto do lixo. Para isso, planejaram uma visita à cooperativa de recicladores Recicla Butantã. "Eles pediram que o Colégio os levasse até lá, mas nós negamos, intencionalmente: 'O projeto é de vocês'", diz Dionéia. "Então, eles foram ao escritório da TransOeste [que realiza o transporte escolar do Sabin] e conseguiram carona em uma perua". De acordo com a coordenadora, a turma ainda conseguiria, por conta própria, a doação de um latão de lixo a mais, para ser colocado no pátio do Sabin, e sacos amarelos – a cor referente aos metais, na classificação de lixos recicláveis –, porque havia descoberto que o alumínio de tampinhas e latas é o material de maior valor no mercado da reciclagem.

Ao todo, a participação dos alunos da Educação Infantil (incluído o AB Sabin) e do Fundamental I no Prêmio Impacta Sabin resultou em 58 projetos. Inspirados nos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU) como metas para o ano 2030, os projetos consistiram em campanhas de conscientização sobre assuntos diversos – higiene e alimentação saudável, economia de água, proteção aos animais, etc. – e ações de arrecadação e/ou confecção de materiais para doação: roupas, livros, brinquedos, etc.

Para Suzy Vieira, coordenadora pedagógica do AB Sabin, "o grande ganho do Prêmio foi despertar nos alunos o olhar para o outro". Segundo Suzy, os alunos tiveram a oportunidade de "exercitar a cooperação e o senso de coletividade". Ações como hortas comunitárias ou a Estante Literária – uma minibiblioteca que ficou por meses na entrada do AB Sabin, com livros doados pelas famílias – tornaram tangível, para as crianças, o valor do compartilhamento.

Mas não só para as crianças, diz Mônica Mazzo, diretora do AB Sabin. "De uma forma geral, o desenvolvimento dos projetos sensibilizou *toda a comunidade*: os alunos, as famílias e o corpo docente. Todos passamos a incorporar valores de sustentabilidade que levaremos para além dos muros da escola", diz Mônica, acrescentando que famílias chegaram a pedir que a Estante Literária continue no próximo ano, com novo acervo (os livros deste ano foram doados a uma creche municipal de Osasco).

O mesmo se deu no Sabin, revela Giselle Magnossão. "Alunos e professores manifestaram o desejo da continuidade. Estamos estudando maneiras de manter o Impacta Sabin, com alguns ajustes, como projeto permanente da escola", diz a diretora. "Entendemos que essa sensibilização para os problemas que os cercam e a experiência de atuar sobre eles, ainda que de maneira modesta, possibilitam aos alunos o desenvolvimento de valores sociomorais e competências socioemocionais".

3º ano C em visita à Cooperativa Recicla Butantã: a descoberta do valor do alumínio no mercado da reciclagem inspirou o projeto da turma.

Novidades no Ensino Médio

Como garantir uma base de excelência para todos, mas dando ao aluno a escolha de seu caminho formativo.

Ampliação da carga horária, estabelecimento de uma base comum de conhecimentos e flexibilização do restante do currículo, de acordo com o que o aluno escolher para sua formação. Em resumo, é isso que determina a Lei Federal 13.415, a lei da Reforma do Ensino Médio, sancionada em fevereiro de 2017. Mas o mesmo pode ser dito, também, de algumas mudanças que o Colégio Albert Sabin vem efetuando há algum tempo – e de outra grande novidade, a ser implementada no próximo ano – em sua proposta pedagógica para o Ensino Médio.

Começando pela maior mudança de todas: a partir de 2019, a 3ª série do Médio do Sabin será cursada em período semi-integral, das 7h10 às 15h30, totalizando uma carga horária obrigatória de 1.450 horas no ano. Somadas às 1.150 horas por ano já oferecidas na 1ª e na 2ª séries, o aluno do Sabin terá recebido, em três anos de Médio, 3.750 horas obrigatórias de aula. Para efeito de comparação, a nova Lei determina que as escolas brasileiras ampliem progressivamente a carga horária mínima de seu Ensino Médio, das atuais 2.400 horas (800 horas/ano) para 3.000 horas (1.000 horas/ano), até o ano 2022. (A Lei também prevê uma ampliação subsequente para 1.400 horas/ano, mas nenhum prazo ainda foi estipulado para que se atenda a essa segunda meta.)

Com o período semi-integral, a 3ª série do Sabin deixa de ter o Módulo Especial de Aprofundamento. Na sequência das tardes de segunda, terça, quinta e sexta, a partir das 15h30, o Colégio continuará oferecendo o Programa de Eletivas, inaugurado com sucesso este ano. As tardes de quarta-feira seguem reservadas para as Aulas-Tema – palestras de professores do Sabin ou de especialistas convidados sobre temas da atualidade.

Coordenadora pedagógica do Ensino Médio, Áurea Bazzi explica as razões que levaram o Colégio a pôr fim ao Módulo de Aprofundamento da 3ª série (os Módulos se mantêm para a 1ª e 2ª séries), encerrando, dessa maneira, um dos programas mais longevos da história do Sabin (*v. quadro*). "Já vínhamos fazendo ajustes na estrutura dos Módulos há alguns anos, sempre para dar mais opções facultativas para o aluno construir sua formação de acordo com seus interesses", diz Áurea.

Assim, enquanto a participação nos Módulos exigia, necessariamente, a revisão e o aprofundamento de conteúdos das sete disciplinas integrantes – Biologia, Física, Geografia, História, Matemática, Português e Química –, iniciativas mais recentes, como as Aulas-Tema, em 2014, o Programa Mais Foco, em 2016, e o Programa de Eletivas, neste ano, ofereciam aos alunos oportunidades de se dedicar a áreas específicas de sua escolha.

"A base daquelas sete disciplinas ainda é fundamental", diz a coordenadora, argumentando que elas ainda são cobradas nos principais vestibulares. "Se a maioria dos candidatos ao curso de Direito têm facilidade com História e Geografia, provavelmente as provas de Física, Química e Biologia serão um diferencial". Até por isso essa base geral continuará sendo contemplada na proposta pedagógica da 3ª série; na prática, é como se o Módulo Especial de Aprofundamento tivesse sido absorvido pela carga horária ampliada do período semi-integral. E o fato de o material didático das aulas regulares e dos Módulos ter sido unificado este ano – são as apostilas do Sistema Poliedro – já indicava uma continuidade orgânica entre ambos que o Colégio queria ressaltar.

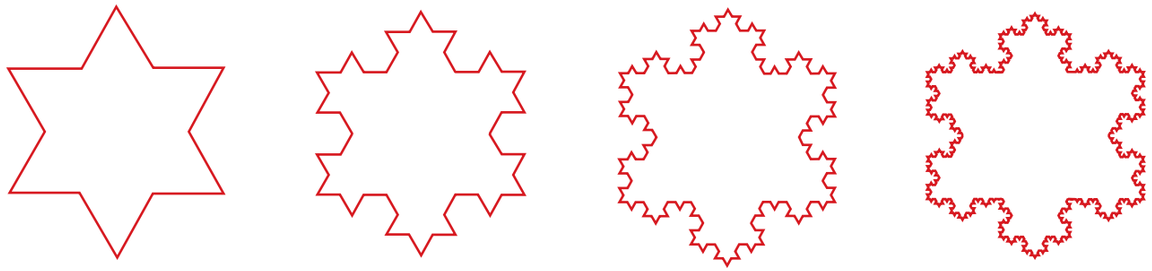
"Essa coesão sempre foi importante para nós", diz a diretora pedagógica do Sabin, Giselle Magnossão. "Inclusive, no passado, já foram testados professores externos para os Módulos, mas percebeu-se que, com a mesma equipe docente, o vínculo entre professor e aluno fica mais forte. O professor se sente mais valorizado pela escola e, pessoalmente, mais motivado a ajudar o aluno. Ele abraça o desafio de preparar o aluno para o vestibular".

Para Giselle, os ajustes implementados no Sabin nos últimos anos mostram-se não apenas alinhados às mudanças recentes na legislação brasileira como condizentes com a filosofia na qual o Colégio sempre se baseou: oferecer uma base de excelência a todos, mas também promover a autonomia de cada aluno, com a possibilidade de caminhos formativos distintos. "É importante lembrar que, mesmo com a carga horária ampliada da 3ª série, nossas aulas regulares, obrigatórias, sempre foram apenas uma parcela da educação oferecida aos alunos, complementada por diversas atividades extracurriculares que eles têm à disposição desde o Ensino Fundamental, como o Programa Sabin+Esportes&Cultura, os Módulos Preparatórios para Olimpíadas Acadêmicas, entre outras", diz a diretora. "Nesse sentido, entendo que não estamos fazendo um movimento em resposta à Reforma do Ensino Médio, mas em consonância a ela".

UMA HISTÓRIA DE QUALIDADE

Nos 25 anos do Sabin, o projeto do Ensino Médio passou por diversos ajustes, todos em busca de garantir qualidade crescente de ensino e de dar aos alunos cada vez mais autonomia na definição de seus caminhos formativos. O histórico dos Módulos de Aprofundamento e de outros programas extracurriculares evidencia essa trajetória.

- **1994: Primeiro ano letivo.**
- **1996: Início dos Módulos de Aprofundamento –** aulas exclusivas para a 3ª série, ministradas pelos professores no contraturno. Material preparado pela própria equipe.
- **1998: O Sabin experimenta professores externos para os Módulos.** Entre 2000 e 2001, as aulas chegam a ocorrer fora do Sabin, no Colégio Anglo de Osasco, por meio de convênio. O material didático passa a ser contratado de diferentes sistemas de ensino.
- **2002: O Sabin reassume a gestão dos Módulos**, que voltam a se dar no Colégio, com o mesmo corpo docente do Ensino Médio. Abertura dos Módulos para 1ª e 2ª séries.
- **2005: Início do Módulo de seis dias**, para alunos da 3ª série com maior rendimento.
- **2007: Pela 1ª vez, o Sabin entre as 10 melhores do Enem** (resultado divulgado em 2008).
- **2014: Aulas-Tema –** as tardes de quarta ficam reservadas para palestras sobre temas diversos da atualidade, de professores do Sabin ou convidados. A participação de alunos é voluntária.
- **2016: Programa Mais Foco –** aulas extras após o Módulo Especial (da 3ª série), com conteúdo mais avançado, para alunos com interesse específico (vestibular de Medicina, provas do ITA, etc.).
- **2018: Programa de Eletivas –** reduz-se a duração do Módulo Especial (da 3ª série), e são oferecidos, na sequência, cursos diversos. Material Poliedro passa a ser usado também nas aulas regulares.
- **2019: 3ª série em período semi-integral –** os concluintes do Ensino Médio passarão a ter aulas regulares das 7h10 às 15h30. Na sequência, segue acontecendo o Programa de Eletivas.



Para que serve a Matemática?

Professores resgatam o lado prático (e espantoso, criativo, estimulante) da disciplina.

Em 1852, ao colorir um mapa da Inglaterra, o jovem Francis Guthrie percebeu que lhe bastavam quatro cores para cobrir todos os distritos do país sem que fosse preciso pintar quaisquer distritos adjacentes com a mesma cor. A descoberta deu lugar a uma intuição espantosa: *qualquer mapa bidimensional* poderia ser pintado daquela maneira, com quatro cores ou menos, não importando o formato ou a disposição das regiões desenhadas. Comprovado mais de um século depois, em 1976, o Teorema das Quatro Cores é, ainda hoje, conceito essencial para a cartografia.

A história desse e de outros teoremas matemáticos revela um aspecto que nem sempre é óbvio: a Matemática é um conjunto de proposições abstratas que servem para resolver problemas concretos. O que a princípio podem parecer apenas símbolos e regras desligados da vida prática são ferramentas que o homem criou para descrever e prever fenômenos reais. Os pitagóricos estudavam triângulos para medir e dividir terrenos. Tales de Mileto, para calcular a altura de pirâmides. Números primos são usados em criptografias, e a geometria fractal é aplicada em campos tão diversos quanto o estudo do câncer, os efeitos especiais do cinema ou o mercado de ações.

Para um professor, resgatar esse lado concreto da Matemática é a chave para que a disciplina tenha significado para seu aluno – que, assim, se torna capaz de efetivamente aprender. Segundo Vanderlei Cardoso, que dá aula no Ensino Médio do Sabin, "a Matemática pode ser 'bonita' ou 'feia', depende do professor. Se ele não mostra ao aluno por que está ensinando e onde é empregado aquele conhecimento, o aprendizado fica só no 'decoreba'; com o tempo, é esquecido".

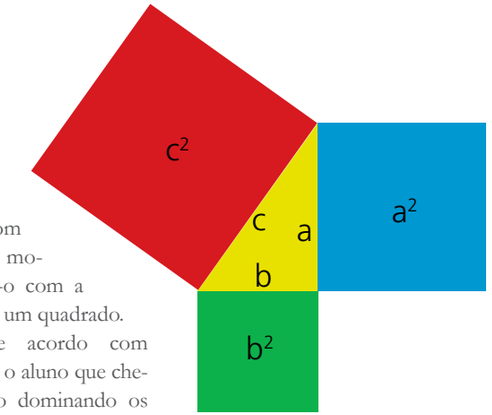
Também professor e assessor de Matemática para o Ensino Fundamental II e Médio do Sabin, Dalson Graça faz coro ao colega, afirmando que cabe a eles aproximar os conteúdos da vida real dos alunos. "Quem compra 20 abacaxis?", pergunta Dalson, ironizando o que seria uma típica questão matemática descolada da realidade (*Comprei 20 abacaxis, comi 5, quantos sobraram?*).

Dalson e Vanderlei mostram entusiasmo ao falar sobre o que podem fazer para que seus alunos compreendam com mais clareza as aplicações práticas da Matemática, e há uma razão para isso. Há poucos meses, em agosto, eles e a professora Sandra Lieven, do 8º ano, participaram do Congresso Internacional de Matemáticos, evento quadrienal que ocorre desde 1897 e que, neste ano, foi realizado pela primeira vez no Brasil, no Rio de Janeiro. Os três voltaram energizados do evento, com ideias de jogos, brinquedos e instalações que eles pretendem trazer para o Sabin. "Foi uma experiência marcante conhecer projetos de diversos países ao redor do mundo, [muitos dos quais] mostram as aplicações de conceitos matemáticos com criatividade", diz Dalson, que afirma estarem planejando um grande espaço de aprendizagem interativa para a Mostra Cultural de 2019, em que o público poderá conferir alguns desses projetos.

Melhor que expor tais ideias criativas em apenas um dia de mostra, contudo, é cultivar essa visão da Matemática no dia a dia dos alunos, durante todo o ano letivo. Esse cuidado, porém, o Sabin já demonstra em sua proposta pedagógica há bastante tempo.

Tornar a abstração tangível. Entre as estratégias adotadas nas aulas de Matemática da Educação Infantil e do Fundamental I do Sabin, essa é uma das mais importantes. É o que explica Maria Teresa Mastroianni, assessora da disciplina para as duas primeiras fases da Educação Básica.

Desde os primeiros anos de escola, segundo a assessora, é recorrente o uso de brincadeiras e jogos que familiarizam o aluno com o conceito de representação numérica e promovem o exercício da contagem. Lança-se o dado, e os três pontinhos pintados na face sorteada indicam que a peça terá de avançar uma, duas, três casas no tabuleiro. Pelo mesmo princípio, um dos primeiros aprendizados que se constroem sobre a relação entre geometria plana e espacial se dá, literalmente, com a mão na massa: de um cubo feito com massinha de modelar, achate-o com a mão e se tem um quadrado.



Ainda de acordo com Maria Teresa, o aluno que chega ao 5º ano dominando os algoritmos convencionais das operações aritméticas já exercitou muita "conta de somar" ou de "multiplicar", primeiro, manuseando ábacos, desenhando bolinhas no papel, pintando quadradinhos em matrizes gráficas. E como fazer a turma compreender, na prática, quanto é um metro quadrado? "Abrimos no chão uma folha de papel-jornal, de 1 metro por 1 metro, e propomos o desafio: quantos de vocês cabem de pé aqui? Vamos testar?", conta Maria Teresa.

Aliás, se tangibilizar é palavra-chave, desafiar é outra, já que, por meio de desafios – jogos, enigmas, etc. –, o professor dá ao aluno problemas reais para serem resolvidos. "Para que aprender probabilidade, por exemplo?", pergunta a professora Sandra. "Bom, alguém que entende que é mais provável tirar 7 do que 12 num lance de dois dados tem mais chances de ganhar o jogo".

O segredo, diz Dalson, é fazer o aluno querer resolver problemas, ou achar soluções ainda melhores para eles. Aguçar no aluno a vontade que, segundo o professor, a escola tradicional não alimentava suficientemente. "Um modelo antigo de ensino de Matemática não tinha muito espaço para a curiosidade e para a criatividade. Hoje, é exatamente isso que queremos", diz o professor, que busca inspirar seus alunos a questionar a realidade à sua volta e usar a Matemática para obter respostas. O caminho mais rápido entre dois pontos é mesmo uma reta? (*Spoiler*: nem sempre.) Faz sentido uma bicicleta de rodas quadradas? (Surpresa: numa pista ondulada, faz, sim.) Quantas cores são necessárias para se pintar um mapa?

"Esse tipo de pergunta pode ser a base de um projeto para a vida inteira do aluno. Pode, lá na frente, levá-lo a descobrir um modelo mais ágil de fluxo de veículos nas estradas. Uma maneira mais eficaz de distribuição de água em regiões secas. Uma forma mais precisa de determinar o preço de um produto. É para isso que serve a Matemática", diz o assessor.

Efervescência cultural

Exposição sobre frevo faz refletir sobre conceito de patrimônio imaterial.

Há patrimônios que não se guardam em cofres, que não se podem tocar, mas que têm imenso e inquestionável valor. A história de um povo ou de um país é um desses patrimônios. Suas expressões culturais são outro.

O frevo – combinação de ritmo e dança típicos de Pernambuco, declarada Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) em 2012 – completou, em setembro, 111 anos de existência oficial. É de 1907 o primeiro registro na imprensa brasileira da palavra "Frêvo", que designava um tipo de música carnavalesca especialmente agitada e efervescente. Na boca do povo, "ferver" se tornou *frever*, e o frevo nasceu, misto de passos da capoeira dos escravos com a sonoridade de marchas militares.

Cento e onze anos depois, no Sabin, os professores das atividades culturais do Programa Sabin+Esportes&Cultura viram no aniversário do frevo uma oportunidade. Desde 2014, o grupo tem buscado, sempre que possível, alinhar suas ações em torno de temas transversais. E ali estava um tema que tinha muito a ensinar.

Em primeiro lugar, era um mote para refletir, junto aos alunos, sobre o conceito de patrimônio imaterial: qual o valor de festas, costumes e tradições de um povo? Por que isso é considerado uma riqueza da humanidade? Segundo o professor de Teatro e assessor de Cultura do Sabin, Ricardo Sonzin Jr., era uma chance de investigar também "como sobrevive o patrimônio cultural, sua incrível capacidade de se manter vivo e pulsante, mas passível de influências, diálogos e adaptações às exigências do mundo moderno". E, nas semanas seguintes, foi o que fizeram os alunos do Sabin+Esportes&Cultura, cada grupo de acordo com a atividade cultural de que participavam.

Inspirados nos estandartes dos blocos carnavalescos, os alunos da Oficina de Arte criaram seus próprios estandartes, num trabalho de pesquisa e criação que os fez ver como as artes visuais podem transmitir e perpetuar elementos da identidade de um povo. As cores vivas da cultura pernambucana também marcaram o projeto do grupo de Programação e Robótica, que, utilizando ferramentas disponíveis no espaço *maker*, montou um painel decorativo com uma sombrinha – símbolo do frevo – que girava automatizada. Por sua vez, os alunos do Espanhol produziram folhetos turísticos (em Espanhol, naturalmente) com informações sobre atrações históricas, naturais e culturais do Recife, enquanto, no grupo do Voluntariado, uma pesquisa sobre o Paço do Frevo – espécie de museu do frevo, no Recife – levou os alunos a entender como se dá o trabalho de preservação e difusão de patrimônios culturais e a criar cartões para divulgar outras instituições ligadas ao tema.

Ao final, o grupo tinha elementos para uma exposição que ficou "em cartaz" no *foyer* do Prédio Picasso na semana do aniversário do frevo (14 de setembro). (Por motivos de agenda, os grupos do Coral, Teatro e Teatro de Inglês não participaram.)

"A exposição foi uma grande oportunidade para alunos e visitantes entrarem em contato com um universo, de certa forma, distante", diz o professor Ricardo. "Cada vez mais nosso projeto tem tido essa ideia, de propiciar ao aluno o investigar e o experimentar a cultura que está além de seus arredores". Um objetivo condizente com a imensa diversidade da herança cultural brasileira, que, justamente por ser tão diversa, revela-se patrimônio tão valioso.

Cada movimento uma conquista.

Atraindo cada vez mais alunos, as Ginásticas Artística e Rítmica promovem benefícios diversos.

Duplo *twist* carpado. Em 2003, o mundo foi apresentado ao termo quando a brasileira Daiane dos Santos conquistou a medalha de ouro do Mundial de Ginástica, nos Estados Unidos. Competindo na Ginástica Artística, Daiane apresentou um movimento inédito no solo: num salto, ela girava em torno de si (*twist*) e completava a manobra com um duplo mortal. De tirar o fôlego. O sucesso de Daiane não popularizou somente o duplo *twist* carpado. Na esteira dela, outros brasileiros se destacaram, como Diego e Daniele Hypólito, Jade Barbosa e Arthur Zanetti, colocando a Ginástica no radar do esporte nacional e no coração dos torcedores.

Isso é notado no Programa Sabin+Esportes&Cultura, que tem visto crescer o interesse dos alunos pelas modalidades de Ginástica Rítmica e Artística. Nesta última, aliás, também entre os meninos.

Para se ter uma ideia, em 2016, a equipe masculina de Ginástica Artística do Sabin tinha apenas cinco alunos. No ano seguinte, eram dezesseis e, neste ano, o número dobrou: são 32 garotos. "O crescimento tem a ver com as medalhas olímpicas que brasileiros conquistaram nos últimos anos. Inclusive um deles, o Arthur Nory, esteve na abertura do FestSabin no ano passado e despertou muito interesse da turma ao falar de sua experiência", diz Roseane Costa, professora de Ginástica Artística. A modalidade está aberta a alunas e alunos do 2º ano do Fundamental ao Ensino Médio. Já a Ginástica Rítmica é oferecida a partir do 4º ano, mas ainda não fez a cabeça dos meninos. "A modalidade é muito próxima da dança, daí atrair mais as meninas", diz a professora Tatiana Bahov.

Enquanto a Ginástica Artística trabalha principalmente força e impulsão, a Rítmica requer muita coordenação motora e flexibilidade. O que ambas oferecem igualmente, afirmam as professoras, é um trabalho corporal desafiador para uma geração que tende ao repouso e parece ter desaprendido a se mover e a se equilibrar. "As crianças estão com mais medo: de cair, de errar, de sentir vergonha. Nosso trabalho é fazê-las perceber que é preciso tentar, que é errando que se aprende e que este é justamente o espaço que elas têm para errar", diz Tatiana.

Outro grande benefício é atuar em grupo. Mesmo na Ginástica Artística, em que apresentações são individuais, a pontuação é por equipe, o que, segundo Roseane, promove um clima de cooperação. "Isso vai desde incentivar os companheiros em suas apresentações até 'segurar a onda' da equipe quando alguém erra. Se um cai, o resto diz: 'Calma, a gente resolve para você, a equipe supera'".

A dentista Luciana Crepaldi tem boa noção do poder transformador do esporte. Mãe de três garotos, ela acompanhou os primeiros passos de um deles, Marcos Paulo, hoje com 12 anos, nas aulas de Ginástica Artística do Sabin. Ele deixou o Colégio em 2017, mas segue na modalidade e hoje já treina com vistas ao alto rendimento. Seu exemplo inspirou o irmão caçula, Arthur Henrique, 8 anos, que abraçou a modalidade do irmão. Para Luciana, o esporte trouxe autoconfiança a Arthur. "Cada movimento que ele consegue executar é uma conquista". O garoto é mais direto: "A aula é bem divertida. E eu estou ficando mais forte".

O aluno Arthur Henrique Crepaldi, nas aulas da professora Roseane Costa.

Como será o amanhã

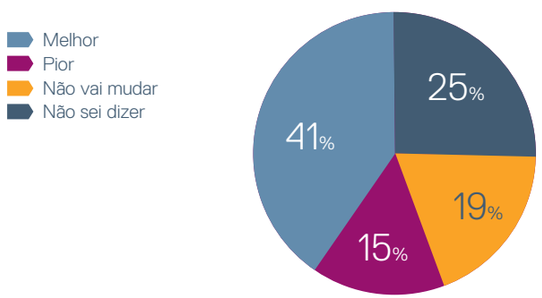
O que você espera do futuro? Alunos do Fundamental II e Médio respondem.

Nesta edição, convidamos **Áurea Bazzi**, coordenadora pedagógica do Ensino Médio do Sabin, e **Pedro de Santi**, psicanalista, mestre em Filosofia (USP) e doutor em Psicologia Clínica (PUC-SP), para comentar pesquisa realizada com alunos do 8º ano do Fundamental à 3ª série do Ensino Médio sobre projetos de vida e confiança no futuro – do Brasil e de seus próprios planos e sonhos.

A pesquisa se deu entre o 1º e o 2º turno das eleições nacionais. As perguntas foram precedidas pela premissa: "No futuro, quando você for adulto(a)...". Nos casos em que as respostas do 8º e 9º anos do Fundamental II (EF2) divergiram substancialmente das do Médio (EM), os gráficos ressaltam tal divergência estatística; nos demais casos, representam o universo total de alunos pesquisados.

Dados obtidos em 382 questionários, respondidos anonimamente, entre os dias 8 e 22 de outubro, representativos de 75% das turmas de 8º e 9º anos (EF2) e 22% do Ensino Médio (EM).

VOCÊ ACREDITA QUE O BRASIL SERÁ UM PAÍS MELHOR OU PIOR?

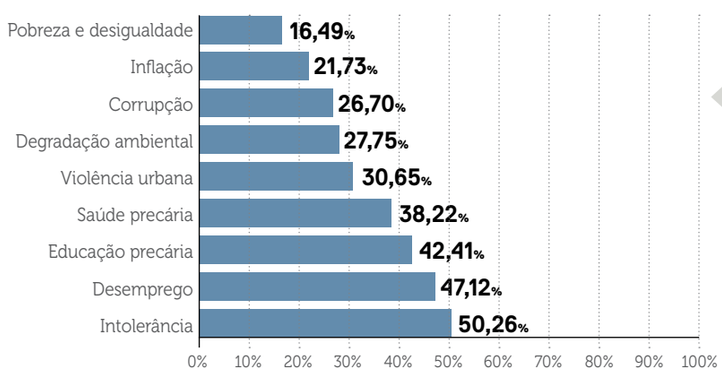


Pedro de Santi: "Somados os que creem que o Brasil não vai mudar com quem acha que vai piorar, quase 34% dos alunos se mostram pessimistas. É muita gente, principalmente por serem jovens e em época de eleição, que deveria ser um momento de celebração da democracia, de confiança no voto e no futuro."

Áurea Bazzi: "Vejo com uma pitada de otimismo. Apenas a minoria é desesperançada. Claro, pensando em jovens, é melhor que esse índice diminua, mas dentro do 'não sei' pode ter havido uma parcela que, no momento da pesquisa, antes do 2º turno de uma eleição polarizada, preferiu apenas não responder."

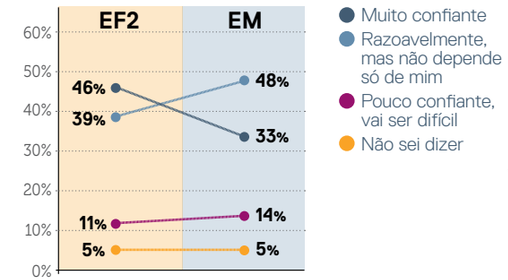
QUAIS DESTES PROBLEMAS TERÃO SIDO RESOLVIDOS OU, PELO MENOS, REDUZIDOS?

Porcentagem de alunos que acreditam na solução/redução dos problemas listados (era possível citar mais de um)



Áurea Bazzi: "Penso que a intolerância é o problema que os alunos se veem mais dispostos a e capazes de enfrentar; está mais na mão deles mudar. Quanto ao desemprego, eles enxergam outras possibilidades de trabalho, novas funções que ainda serão criadas com a revolução da tecnologia, e também se mostram mais otimistas. Já outros problemas não dependem só deles para se resolver."

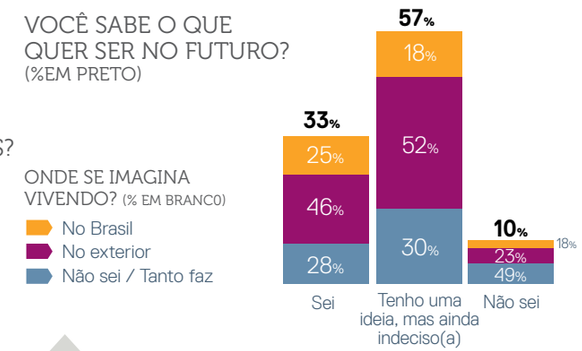
VOCÊ ACREDITA SER CAPAZ DE REALIZAR SEUS SONHOS?



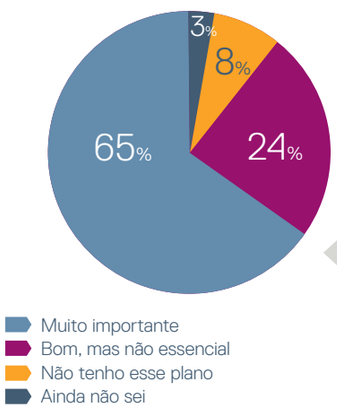
Áurea Bazzi: "Creio que os alunos do EF2 se sentem mais seguros, protegidos pelos familiares, ao passo que os do EM já estão vendo bater à porta o futuro, em que terão de cuidar mais de si. Eles sentem o peso que acompanha a autonomia, têm mais consciência do funcionamento do mercado e da vida adulta. Mostram-se confiantes, mas sabem que não depende só deles. Vejo aí um sinal de maturidade."

VOCÊ SABE O QUE QUER SER NO FUTURO?

(%EM PRETO)

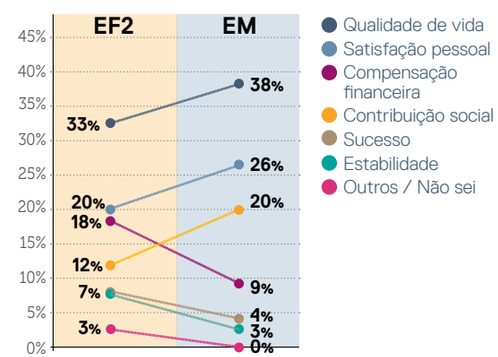


QUAL A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA (PARCEIROS E/OU FILHOS) NOS SEUS PLANOS?



Áurea Bazzi: "A princípio, esse dado me entristeceu: apenas a minoria está decidida a ficar no Brasil (*gráfico acima*). Temos visto alunos planejando morar no exterior, com medo da insegurança, buscando qualidade de vida. Por outro lado, se considerarmos que a família é importante para a maioria (*gráfico 4*), não é um contrassenso quererem sair? E tem outra coisa: trata-se de uma faixa etária em que é comum o desejo por mudança, por conhecer o mundo. Isso é saudável. Inferir que eles querem sair do País para sempre talvez seja um erro. Ainda assim, precisamos investir mais em conscientizá-los do valor de contribuir para o País."

QUAL DESTES OBJETIVOS SERÁ MAIS IMPORTANTE PARA A SUA VIDA PROFISSIONAL?



Áurea Bazzi: "Há um salto real de autonomia e maturidade entre o EF2 e o EM, e a pesquisa reflete isso. Mesmo os alunos da 1ª série, na época da pesquisa, já haviam passado o ano inteiro tendo discussões em aulas de Filosofia, Sociologia, Geografia... São mais reflexivos e questionam diferentes perspectivas de vida. 'O que é felicidade? O que é sucesso?'"

Pedro de Santi: "Por um lado, os alunos estão mais preocupados com a qualidade de vida e a realização pessoal do que com o sucesso. Isso é ótimo. Por outro lado, se combinarmos essa informação com a pouca confiança no Brasil e o desejo de morar fora, ela pode sugerir uma falta de crença no coletivo e uma busca por soluções individualizadas. 'Qualidade de vida, para mim, é sair do País'. Arrisco um palpite: o aluno que está hoje no EM cresceu ouvindo, na sociedade, que devemos ter consciência ambiental, preocupação com as minorias e a coletividade. Mas, hoje, estamos vendo a vitória de um discurso neoconservador, mais liberal, em que cada um faz pelo seu. Tenho a impressão de que a pesquisa vem num momento de mudança geracional em direção ao individualismo."

 Os textos são de responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião do Colégio Albert Sabin.

Consuma-me e devoro-te

Um dos personagens mais emblemáticos da mitologia grega é a Esfinge, a qual foi enviada pelos deuses com o objetivo de punir o povo de Tebas. A todos que passavam pela porta da cidade a criatura propunha um enigma, acompanhado da frase "decifra-me ou devoro-te", e alimentava-se daqueles que não o decifravam. O único capaz de solucionar a cifra foi Édipo, que, assim, derrotou o monstro e o impediu de devorar outros viajantes.

A indústria do consumo, a fim de saciar sua fome de lucro, sempre se apropriou de símbolos e imagens com o intuito de estimular o desejo crescente por mercadorias e pelo *status* associado a elas. No mundo presente, os chamados "influenciadores digitais" cumprem essa função simbólica. Seu contato direto e íntimo com o consumidor intensifica o que se pode chamar de era do hiperconsumo, na qual, conforme Lipovetsky, não há limite de espaço e de tempo, ou seja, é possível comprar a qualquer instante e em qualquer lugar. Patrocinados por marcas "descoladas" aos olhos juvenis, tais influenciadores criam uma falsa impressão da realidade, ao associarem produtos, propositalmente ou não, ao seu sucesso. *Youtubers* e *instagrammers* passam a funcionar como joguetes nas mãos de grandes marcas, que, ao se aproveitarem da popularidade desses jovens influentes, vendem produtos e estilos de vida consumistas e fantasiosos.

Mais vulneráveis, as crianças e os adolescente são as principais vítimas do abuso do discurso (hiper)consumista presente nas plataformas virtuais. Os pais, por sua vez, sentem-se impotentes, porque a propaganda chega aos filhos tanto por meio de outras crianças como por vídeos ou imagens aparentemente ingênuos ou educativos. Para interromper esse banquete das marcas, faz-se necessário um instrumento efetivo que funcionaria como um Édipo, capaz de decifrar o enigma do consumismo. Esse instrumento é a Educação.

Segundo o pedagogo Paulo Freire, o conhecimento opera como um instrumento para entender o mundo, para averiguá-lo quanto ao seu funcionamento, e, então, interpretá-lo e transformá-lo. O sistema neoliberal que vigora no Brasil, no entanto, orienta a Educação por meio do paradigma do mercado, o qual necessita de agentes econômicos que respondam às formas de dominação de maneira passiva, já que o questionamento poderia emperrar as engrenagens das estruturas de poder. Ou seja, as instituições de ensino, que deveriam formar a criticidade necessária para derrotar a "Esfinge", assumem um papel movido pela lógica da dominação, usada pela indústria do consumo.

Portanto, ainda que não seja a solução definitiva, torna-se crucial a presença de um órgão regulador responsável por limitar a promoção de um consumo exacerbado nas redes sociais. Verifica-se a necessidade de criação de Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) para decifrar as reais intenções de certos conteúdos, uma vez que o coletivo, muitas vezes, não identifica uma manobra mercadológica abusiva. A função do órgão seria a de mediar os conteúdos, barrando aqueles que induzam ao consumo inconsciente e desenfreado, de modo a proteger o público e impedir que marcas se aproveitem da vulnerabilidade de uma parcela considerável de indivíduos que acessam as redes sociais.

Laís Mardiression, **Gabriela Ferreira** e **Giovanna Gatto** são alunas da 3ª série do Ensino Médio.

Crianças e adolescentes são as principais vítimas do discurso (hiper)consumista nas plataformas virtuais.

Quebrando o ciclo vicioso do consumismo

A internet trouxe ao mercado um novo canal de promoção do consumo de bens e estilos de vida. Pelas redes sociais, disseminam-se conteúdos que alimentam o consumismo de seu público, ao associar determinados produtos e padrões de comportamento a um "modelo de vida ideal" – caso, por exemplo, dos *digital influencers* (influenciadores digitais), que, no YouTube, avaliam e recomendam produtos para seus espectadores.

Por essa razão, alguns desses comunicadores têm sido alvo de críticas, que sugerem, muitas vezes, o estabelecimento de um órgão regulador, que filtraria os conteúdos publicados na internet, excluindo aqueles que promovessem qualquer tipo de consumo exacerbado. É válido pontuar que a passividade do receptor desse tipo de conteúdo e sua incapacidade de analisar criticamente o que lhe é apresentado são os principais motivos para que o mercado veja, nas redes sociais, um veículo para semear uma cultura consumista. No entanto, a imposição de tal órgão regulador proposto poderia assumir caráter de censura e inibir a formação de um pensamento crítico sobre o assunto.

Se implantada essa medida, apesar de ela talvez apresentar resultados positivos imediatos quanto ao declínio da influência do consumo, seu efeito provavelmente teria pouca durabilidade, uma vez que tais conteúdos migrariam para outros meios que os pudessem divulgar livremente. Além disso, ao interferir na livre divulgação de ideias, esse "filtro" seria restritivo ao direito à liberdade de expressão, previsto pela Constituição Federal, divergindo dos pressupostos da democracia. Há de se considerar, ainda, que tal medida proporcionaria a falsa noção de resolução do dilema, o que inibiria o desenvolvimento de um senso crítico individual, por parte do público, a respeito da matéria.

Torna-se claro, então, qual ator dessa relação recíproca entre público e redes sociais deve passar por mudanças: o próprio público.

George Orwell, escritor inglês do século XX, afirmou: "A massa mantém a marca, a marca mantém a mídia, e a mídia controla a massa". A constatação, que tem validade ainda no século XXI devido à persistência do modelo capitalista, evidencia o ciclo vicioso no qual a sociedade está inserida e expõe a mutualidade da relação entre consumidores, meios de comunicação (mídias) e produtores de bens e de discursos. Se uma das partes desse tripé deixa de corroborar para sua manutenção – no caso, a massa, o público, os próprios indivíduos –, esse sistema entra em colapso.

Diante do exposto, supondo que as leis referentes à liberdade de expressão fossem ignoradas e um órgão regulador das redes sociais fosse implantado, conclui-se que seus efeitos seriam, se muito, apenas imediatos e superficiais. Resta, então, investir em soluções que teriam efeito a longo prazo, como a promoção cada vez maior do desenvolvimento de um senso crítico pelas instituições educacionais e formadoras. No cenário atual, a redução das influências da cultura de consumo já apresentaria resultados significativos.

Julia Selivon e **Bruna Leal Lisboa** são alunas da 3ª série do Médio.

Torna-se claro qual ator da relação recíproca entre público e redes sociais deve passar por mudanças: o próprio público.

Biblioteca para todos

Grupo vencedor do Impacta Sabin promove a leitura em locais carentes de livros.

Livros e sucata. Juntando coisas que a princípio parecem não combinar, um grupo de alunos do 6º ano foi o grande vencedor do Prêmio Impacta Sabin. Bernardo Napolitano, Leonardo Jun, Pedro Rocha e Rafael Romano idealizaram a Biblioteca Social Colaborativa: geladeiras que iriam para o ferro-velho ganharam vida nova como bibliotecas de até 500 livros, doadas para instituições que delas precisam.

"Logo que anunciaram o Prêmio, formamos o grupo e começamos a trabalhar. A gente se esforçou muito para dar certo", diz Bernardo Napolitano. O ponto de partida dos garotos foi uma pesquisa de problemas sociais ou ambientais em torno dos quais poderiam elaborar um projeto de impacto. O tema escolhido por eles é, infelizmente, bem conhecido: o baixo índice de leitura no País. Pesquisa encomendada pelo Instituto Pró-Livro ao Ibope, em 2016, mostra que o brasileiro lê somente 4,96 livros por ano e que 30% da população nunca comprou um livro. "Daí pensamos em um projeto que conscientizasse as pessoas da importância da leitura", lembra Bernardo.

O projeto de uma biblioteca para atender pessoas carentes de livros começou a ganhar corpo. De saída, os meninos pensaram numa estrutura de prateleiras de madeira. "Mas a gente achou frágil", diz Bernardo. O pai dele se lembrou, então, de um amigo, dono de uma fábrica de sorvetes, que talvez pudesse ajudar. Javier Humberto Becker se encantou com a ideia dos garotos e resolveu apoiá-la: além de doar dez geladeiras que seriam descartadas, comprometeu-se a entregá-las reformadas e prontas para receber os livros.

A biblioteca ganhou, dessa forma, o seu caráter sustentável. O recheio, os livros, foi conseguido por meio de doações de parentes e amigos. Os garotos também arrecadaram dinheiro para comprar exemplares novos. Decidiram, então, que a primeira Biblioteca Social Colaborativa poderia ser instalada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Conde Luiz Eduardo Matarazzo, vizinha ao Sabin. E foram perguntar à direção da escola e aos seus alunos o que achavam da ideia.

Dessas conversas, ficou decidido que a geladeira seria instalada no pátio interno da escola, que não haveria um controle dos livros retirados e que a oferta de títulos seria adaptada ao gosto do público. Campeões de leitura adolescente como as séries *Harry Potter* e *Diário de um Banana*, por exemplo, constavam da lista de pedidos. A geladeira-biblioteca foi instalada no Conde em 7 de agosto.

Desde então, o que tem chamado a atenção de Daiane Cristini Moraes, diretora da escola municipal, é a reação de seus alunos ao fato de poderem dispor dos livros livremente. "Para eles, a ausência de controle é algo muito novo; poder levar o livro, emprestá-lo, trocar por outro, trazer um novo", diz ela. Esse processo pode ser constatado na oferta atual dos títulos, muito diferente da época da inauguração. "O que mostra que a rotatividade é grande", constata.

A segunda Biblioteca Social Colaborativa será entregue a uma escola estadual em Osasco. E a terceira vai para a comunidade Ilha de Deus, no Recife, que os meninos vão conhecer em janeiro como prêmio pelo primeiro lugar no Impacta Sabin. "Aposto que a viagem vai ser bem legal. Vamos conhecer uma realidade diferente da nossa e poder ajudar", diz Bernardo.